

DISCURSO PROFERIDO PELO REITOR DA UNL PROFESSOR ANTÓNIO RENDAS NA ATRIBUIÇÃO DO GRAU DE DOUTOR HONORIS CAUSA A LUÍS G. SAMBO

Por proposta do Instituto de Higiene e Medicina Tropical, ouvido o Colégio de Directores da Universidade Nova de Lisboa, a Universidade Nova de Lisboa decidiu atribuir o Grau de Doutor Honoris Causa a Luís Gomes Sambo, Director Regional da Organização Mundial da Saúde para a África.

A cerimónia de hoje ao homenagear uma distinta personalidade africana, prestígio e honra a NOVA, ao demonstrar a sua abertura internacional no espaço da lusofonia. Saúdo, por isso, com especial consideração, o novo Doutor Honoris Causa e todos os ilustres membros da comunidade académica da NOVA que participaram activamente nesta cerimónia: o Orador, o Padrinho e o Director do IHMT.

Saúdo igualmente o Senhor Presidente do Conselho Geral e, na sua pessoa, cumprimento toda a comunidade académica aqui presente.

Ilustres convidados, minhas senhoras e meus senhores, seja-me permitida uma palavra de especial consideração a Sua Excelência o Ministro da Saúde de Angola, José Van-Duném, e a sua Excelência o Embaixador de Angola em Portugal, José Marcos Barrica.

O Doutor Luís Sambo é uma figura proeminente da saúde pública internacional que ocupa, desde 2005, o lugar de Director Regional da Organização Mundial da Saúde para a África. Essa direcção regional foi ocupada pela primeira vez pelo Professor Francisco Cambournac, director do IHMT, figura única da saúde pública das regiões tropicais, com quem tive a honra de privar quando exerci as funções de director do IHMT. À sua memória a minha mais sentida homenagem.

Existem muitas ligações entre o IHMT e a região africana da OMS mas a memória do Professor Francisco Cambournac é, porventura, a mais significativa.

Depois das brilhantes exposições feitas pelos oradores que me antecederam seria suficiente que felicitasse o Dr. Luís Sambo por pertencer, a partir de agora, à comunidade académica da NOVA e encerrar a sessão.

Contudo, para lá de não assumir tal postura nestas cerimónias, as circunstâncias especiais que vivemos e a personalidade que hoje homenageamos, justificam uma mais longa intervenção da minha parte.

É a primeira vez que a NOVA atribui o grau de Doutor Honoris Causa a um médico natural de Angola, licenciado pela Faculdade de Medicina

desse país onde ocupou lugares de grande relevo, não só técnicos mas também políticos, na coordenação dos serviços de saúde, assumindo-se atualmente, e desse os últimos sete anos, como representante máximo da OMS em África. Dispensamo-nos também de mencionar as ligações do Dr. Luís Sambo a Portugal e ao IHMT, porque são conhecidas, mas devo acentuar que constituem um capital precioso para o futuro da cooperação entre Portugal e os Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa, muito para lá do prestigiado cargo que o Dr. Luís Sambo ocupa presentemente.

A NOVA tem um plano estratégico para o quadriénio 2012-2016 que assenta em pilares inovadores de desenvolvimento, dos quais a internacionalização é um dos vetores essenciais. Essa internacionalização está orientada não só para o espaço europeu, mas também para o espaço da lusofonia: África lusófona e Brasil. O IHMT é por vocação e competência própria o agente essencial dessa estratégia na área da saúde.

Quando o IHMT foi fundado, em 1902, a palavra tropical, e não devemos ter medo das palavras, representava um conceito que pode ser visto, ainda hoje, como estigmatizante face aos naturais dessas regiões do mundo.

Contudo, o papel da medicina tropical portuguesa foi de tal modo relevante desde essa data, e até antes, que justifica uma brevíssima incursão no passado porque, como espero demonstrar, esse passado imbrica ao futuro da NOVA.

O ensino da medicina tropical começou formalmente em 1887, na Escola Naval. Em 1901, foi organizada uma missão a Angola para estudar a doença do sono coordenada pelo Professor Aníbal Bettencourt, director do recentemente fundado Real Instituto Bacteriológico, mais tarde designado Instituto Bacteriológico Câmara Pestana. É importante acentuar que uma das principais figuras da medicina portuguesa da época, Miguel Bombarda, também ligado à fundação do IBCP, proferiu na Sociedade das Ciências Médicas de Lisboa, em outubro de 1901, uma conferência intitulada: “A criação de uma escola médica colonial”, que muito influenciou o governo da época para que fosse criado, como efetivamente aconteceu um ano depois, o Instituto de Medicina Tropical.

No contexto atual não deixa de ser importante assinalar que, mais de um século volvido, a NOVA tem a enorme responsabilidade de integrar no seu seio não só o IHMT mas também uma unidade de

investigação biomédica, da FCM, situada naquele que foi o espaço do IBCP. Espero que a história se repita nos sucessos e não nos erros dos quais destaco a ausência de colaboração entre as instituições que levou a um isolamento progressivo, com grave prejuízo para cada instituição e para o País.

As iniciativas de criação de instituições ligadas ao ensino da medicina nas regiões tropicais são anteriores ao movimento que levou à fundação do IHMT. Lembro, com toda a justiça, a criação da Escola Médica de Goa, fundada em 1884, aliás precedida pelo ensino da medicina, em 1542, no Colégio de S. Paulo da mesma cidade.

Existe igualmente uma outra iniciativa em Angola, porventura menos conhecida, que gostaria de lembrar. Em 1763 nasceu no Rio de Janeiro, Joaquim Pinto de Azeredo, supostamente filho de um cirurgião-mor do Exército. Apesar de não haver ensino universitário no Brasil adquiriu conhecimentos suficientemente diferenciados que lhe permitiram ser admitido na prestigiada Escola Médica de Leiden, na Holanda, onde se licenciou em 1788. Regressado a Lisboa foi nomeado, em 1790, pela Rainha D. Maria I, físico-mor do Reino de Angola, com a missão de “abrir uma Escola Médica para os que quiserem empregar no exercício e prática dela”. Esta iniciativa, que durou poucos anos, por falta de apoio local incluindo a deficiente preparação dos estudantes, como descreve em carta enviada para Lisboa e datada de 1792, ficou assinalada pela publicação das suas detalhadas lições de Anatomia, incluindo uma notável oração de sapiência proferida em 1791 e, também, em 1799, já em Lisboa, pela publicação do livro “Ensino de Algumas Enfermidades de Angola”.

Joaquim Pinto de Azeredo era um médico culto e bem preparado e era também um professor cuidadoso e atento às necessidades dos seus alunos como o provam os magníficos textos que nos deixou. Contudo, as circunstâncias nacionais e locais impediram-no de ser bem-sucedido.

É interessante assinalar como teve de passar mais um século para que a medicina portuguesa se voltasse a organizar, formalmente, para o estudo das patologias tropicais. Provavelmente, esta minha digressão superficial poderá ser injusta e terá havido porventura outros médicos notáveis que se ocuparam desta matéria no século XIX, devem, no entanto, ser honrosas e isoladas exceções. Aliás, a falta de organização local persistiu e só criámos estudos superiores em Angola e em Moçambique na segunda metade do século XX.

Infelizmente, e apesar de uma plêiade significativa de mulheres e homens com características notáveis que Portugal gerou, nestes dois últimos séculos, raramente os portugueses têm sido capazes de se organizar à volta de projetos conjuntos e com continuidade.

Espero que a NOVA na área da medicina e da saúde pública, bem como noutras áreas já identificadas, possa ser uma dessas exceções e competir no mundo globalizado.

É urgente, aproveitar as boas lições do passado, consolidar projetos já existentes e construir novas iniciativas de ensino e de investigação ao serviço da medicina e saúde pública das populações do continente africano.

O papel das universidades e das instituições médicas e de saúde nos Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa é essencial para o desenvolvimento social e económico. O continente africano enfrenta problemas de “brain drain” como mais nenhum outro, mas será em África que se irá verificar o maior crescimento da raça humana na segunda metade século XXI, se forem resolvidas as questões que impedem o seu progresso.

As redes que se constroem entre instituições começam por contatos e relações entre pessoas que se respeitam pela sua atuação profissional e social, é isso que estaremos a fazer na NOVA não só internamente, mas também com os nossos parceiros da comunidade lusófona e europeia.

Termino com uma citação de José Pinto de Azeredo dedicada aos seus alunos:

“Eu tenho usado nas minhas descrições de poucos nomes, e dos mais triviais para evitar fastio e dificuldades. Trago as opiniões de alguns autores não com a intenção de os criticar nem de os condenar; pelo contrário, antes a minha condescendência se faz perigosa em algumas partes. Eu peso a autoridade dos homens e respeito a imagem da verdade. Conheço alguns fatos interessantes e esclareço os seus efeitos. Descubro outros aparentes e permito-me demonstrar o engano.

Aproveitai-vos das minhas fadigas e do tempo que convosco gasto que sempre tirareis nobres vantagens em todo o género de literatura, e em todo o estado da vida.”

Reitero mais uma vez, as minhas sinceras felicitações ao novo Doutor da NOVA, Dr. Luís Sambo.

(Lisboa, 10 de Dezembro de 2012)